



ARMAZÉNS GERAIS TOZAN, S. A.

ARMAZENAGENS DE CAFÉ, ALGODÃO, CEREAIS, ETC.

Escritório

Rua do Carmo, 56 - 2.º And.
Sala 23 - Fone 37-1776
Caixa Postal 528 - São Paulo

ARMAZENS

Av. Henry Ford, 370 - 962 -
964 - 996 - Fone: 93-5793

SANTOS

PRACA DOS ANDRADAS, 8
Telefones: 2-2181 - 2-2182 - 2-2183
Endereço Telegráfico: «DORWIL»
Inscrição: 13.525 - Caixa Postal: 49

RIO DE JANEIRO

RUA VISC DE INHAUMA, 58 - 5.º Andar
Telefones: 23-2083 - Ramal 4
Endereço Telegráfico: «DORWIL»
Caixa Postal: 4918

ARMAZENS GERAIS

«THEODOR WILLE»

S. A.

Armazens:

RUA CONDE D'EU, 36/44 - Tel.: 2-2311
RUA SÃO LEOPOLDO, 73/83 - Tel.: 2-6152

Armazens:

RUA COSTA FERREIRA, 148
TELEFONE: 43-7641

CIA. SANTO ANTONIO DE ARMAZENS GERAIS

CAPITAL CR\$ 60.000.000,00

Filial: RIO DE JANEIRO

R. de Quitanda, 185 - 2.º
Fone: 43-7439
Caixa Postal: 2812
Telegr.: SANTONARGE

Matriz: SANTOS

Rua 15 de Novembro, 186
Fone: 2-7048
Caixa Postal: 1145
Telegr.: SANTONIO

Filial: PARANAGUA

Rua Faria Sbrinho, 61
Fone: 391 e 376

Sede: SÃO PAULO

RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 275
7.º Andar - Fones: 32-4353 e 35-4853
Caixa Postal: 3981

Agência: SANTOS

PRACA AZEVEDO JUNIOR N.º 14
Telefones:
Gerência: 2-6099 - Escritório: 2-2992
Caixa Postal: 380

ARMAZENS GERAIS RIACHUELO, S.A.

SÃO PAULO - SANTOS - PARANAGUÁ - LONDINA - MARINGÁ



COMPANHIA CENTRAL DE ARMAZENS GERAIS

Fundada em 1907 - Inscrição n.º 1.810
55 anos de experiência - 55 anos de fidelidade
Filial: GARÇA e (ainda este ano) PARANAGUA
SEDE EM SANTOS
RUA FREI GASPAR, 20/22 - 5.º andar - CAIXA POSTAL, 225
TELS.: 2-2480 - 2-3251 - 2-9600 - End. Telegr.: «CENTRAL»

DIRETORIA:

Diretor Presidente — Dr. Daniel Ribeiro de Moraes e Silva
Diretor Vice-Presidente — Dr. Orlando Ribeiro de Moraes e Silva
Diretor Superintendente — Dr. Cário Ribeiro de Moraes e Silva
Diretores Adjuntos: — Luiz Armando Ribeiro e Rafael Pass de Barros Filho

CAFFEEIRA RIOPAR LTDA.

Comissária — Exportadora

SANTOS

Rua do Comércio, 55
7.º andar
Fone: 2-9098

LONDINA

Edifício Comendador
Júlio Fuganti
10.º andar - Fone: 2468

bela escolhadeira? Quis protestar, e creio mesmo que balbuciei uma praça, mas ninguém deu importância à minha zanga. Logo a mocinha passou as mãos em concha sobre o monte e raspou para a boca escancarada de um saco velho os meus companheiros de aventuras e eu fiquei isolado e esquecido, vendo um outro caropé também perdido sobre a mesa. Súbito tomei com uma lambada de toalha de mesa vibrada valentemente por uma das mocinhas, que veio "estender a mesa". Atravado assim de encontro às paredes, fui rolar no chão. Abafei um gemido ao mesmo tempo que ouvia o fazendeiro gritar da porta: "vocês estão derrubando muito café, precisam ter mais cuidado". Mas nem por isso me apanharam do chão. Ali fiquei desprezado, triste e recluso, recebendo de vez em quando o pontapé dos que transitavam pela sala, no risco de ser beneficiado num tremendo esmagamento.

Quantos sustos e apreensões!

Finalmente, coberta a mesa duma alva toalha sobre a qual os pratos de diversas iguarias fumegavam ressendo aromas de temperos apetitosos, amenzaram-se os comedores com o fazendeiro à cabeceira. De meu lugarzinho vi passar para as bocas esfomeadas: o feijão com angu ou farinha de milho, o virado de couves com torresmos, e lombo de porco assado e cozido, a costela de suíno misturada com quibebe, o suã do mesmo com quibos, os miolos dele em fritada, os miúdos do dito (parece-me que naquele dia tinham sacrificado um suíno), linguíça trina, frissuras; e por cima dessa porcada variada, succulentos pratos de leite, que eram engulidos com angu ou batata doce, preferindo alguns saborear a nives e trêmula coagada; e ainda para coroar essa obra consumidora, prataradas de congada com leite! Já estava farto desse banquete pantagruélico quando senti, finalmente, o aroma capitoso do saboroso café; tremi de pavor, sentindo auras pela cabeça. Em menos de vinte minutos, aqueles maquinismos deglutidores tinham absorvido o pesado jantar e saiam enfartados.

Enquanto descansavam por momento do fastidioso trabalho da refeição, puseram-se a conversar, e alguém depois no chão uma criança.

O pequenito pós-se logo a engatinhar e veio vindo para o rumo onde eu estava, com uns olhinhos vivos a me fitarem com insistência. Veio vindo muito lampeiro aos arrastões e com tato incerto passou-me a mãozinha, saltou para um lado a ver se me livrava desse importuno cabrião, mas debalde tentava fugir, a mãozinha sófrega procurava-me de novo, até que, pillando-me a jeito, agarrou-se com firmeza e levou-me à boca. Senti o calor do orifício bucal e a pressão da mucosa sobre a minha casca, a me empurrar para a garganta.

De repente ali me entalei, a criança ficou sossegada, não mexeu mais, no meio do silêncio que se estendeu sobre a sala. Alguma coisa, porém, de anormal se passava, porque uma das mãos correndo para o menino, gritou aflita:

— Olha, o Nenê está engasgado!

Puseram-no no colo; corre aqui, corre acolá; que há, que não há, e num momento todos rodaram a criança.

Eu sentia dedos trêmulos e afilto a me empurrarem para o fundo da garganta me entalando cada vez mais, ouvia sussurros, ânsias de desespero agitando peitos oprimos.

